

7.05.06- História / História das Ciências.

A PANDEMIA DE GRIPE ASIÁTICA NAS PÁGINAS DOS JORNAIS: BRASIL, 1957.

Laura Menacho¹, Gilberto Hochman²

1. Estudante do Instituto de História da Universidade Federal Fluminense (IHT-UFF)

2. Pesquisador da Casa de Oswaldo Cruz / Orientador (COC-FIOCRUZ)

Resumo

Este trabalho é resultado das atividades de Iniciação Científica desenvolvidas no âmbito da pesquisa sobre a pouco estudada pandemia de Influenza no Brasil, conhecida como Gripe Asiática, no ano de 1957, a partir das notícias veiculadas na imprensa da cidade do Rio de Janeiro, então Capital Federal. A gripe asiática foi a segunda pandemia de gripe do século XX, e eclodiu em um momento de consolidação dos campos da virologia e da vacinologia e no contexto da experiência democrática brasileira (1946-1964), do nacional-desenvolvimentismo e da Guerra Fria. As fontes utilizadas são os jornais diários e revistas semanais disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. A partir das lentes do jornalismo, a pesquisa busca acompanhar a chegada da pandemia no país e analisar as reações às respostas do governo JK, as expectativas e medos da população, as repercussões dos primeiros casos, suspeitos e confirmados, as medidas preventivas e terapêuticas propostas e comparar com a experiência corrente da Pandemia de Covid-19.

Palavras-chave: Vacina; Juscelino Kubitschek; Saúde Pública.

Apoio financeiro: Bolsa PIBIC/CNPq.

Introdução

A emergência sanitária global declarada em março de 2020, em decorrência da pandemia do novo coronavírus tem demandado uma reflexão sobre a historicidade das doenças e das epidemias. O objeto dessa pesquisa, a pandemia de Gripe Asiática de 1957/58, é pouco lembrado e estudado. A Gripe Asiática foi causada por um subtipo do vírus Influenza A, originalmente denominada de A/Singapura, hoje conhecido como H2N2. Para além da produção e divulgação de conhecimento histórico, a relevância da pesquisa se deve ao fato que a “Asiática”, a segunda pandemia de gripe do século XX, dialoga diretamente com a bem mais conhecida Gripe Espanhola (1918/1919). Quatro décadas depois, a “Espanhola” ainda estava muito presente na experiência e na memória de médicos, cientistas e da população brasileira.

A leitura seriada e sistemática das páginas dos jornais desde as primeiras notícias sobre a gripe no exterior, em junho de 1957, passando pelos primeiros casos confirmados no Rio de Janeiro em setembro, até as últimas menções e o seu desaparecimento do noticiário, possibilita uma reflexão sobre as epidemias como eventos biológicos e também sociais. A pandemia de 1957, ao mesmo tempo que atingiu politicamente, socialmente, cientificamente e culturalmente a sociedade em um contexto específico, foi por essa mesma sociedade, reelaborada e reorganizada nessas várias dimensões. O contexto foi o da Guerra Fria, do otimismo com os avanços da ciência e da medicina e do desenvolvimentismo do governo Juscelino Kubitschek (1956-61). Essa perspectiva estabelece um diálogo com o tempo presente marcado pela pandemia do novo Coronavírus.

Os objetivos gerais do projeto são: a- leitura e discussão sobre a saúde pública no governo Juscelino Kubitschek (1956-1961); b- leitura e discussão sobre história das pandemias no século XX; c- identificar, ler e discutir os trabalhos publicados sobre a “Gripe Asiática” publicados em várias áreas do conhecimento como história, virologia e epidemiologia; d- identificar, ler e discutir trabalhos sobre a imprensa brasileira na segunda metade do século XX; e- Levantar e organizar notícias, reportagens e colunas sobre a gripe asiática em 1957/1958 nos principais periódicos do Rio de Janeiro do período com ênfase inicial nos jornais cariocas, em particular no Correio da Manhã, disponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional e f- redação de artigo sobre a Gripe Asiática.

Metodologia

A decisão metodológica foi trabalhar de modo sistemático e seriado com a imprensa do Rio de Janeiro, então capital federal, sobre a ameaça, a chegada e eclosão da epidemia de gripe na cidade e no Brasil. A partir de então, tem sido realizado levantamento, leitura e organização de notícias do jornal Correio da Manhã, o mais importante no período, entre junho de 1957 e dezembro de 1957 buscando as manchetes, notícias, colunas, charges e reportagens sobre a epidemia de Gripe Asiática que atingiu diversas regiões do mundo e no Brasil.

Com o objetivo de mapear como a imprensa acompanhou a epidemia de Gripe Asiática provocada pelo vírus A-Singapura, cujos primeiros casos foram reportados no continente asiático e que rapidamente chegou aos Estados Unidos, a Europa e ao Brasil alguns aspectos foram considerados: a) a tipologia das notícias sobre a epidemia; b) Órgãos de Saúde e as medidas preventivas e assistenciais; c) instituições científicas e a produção de vacinas; d) contexto do nacional-desenvolvimentista; e) A Capital Federal e sua infra-estrutura hospitalar e assistencial para lidar com a doença; d) os impactos sobre a população e sobre o funcionamento

da cidade; e) a memória da Gripe Espanhola.

Para a realização deste trabalho de forma remota, o principal suporte foi a Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, um acervo de centenas de jornais e revistas. Após a realização de pesquisa e busca no acervo, cada notícia que se referia ou citava a Gripe Asiática foi devidamente selecionada, fotografada e resumida, de forma a fazer um levantamento detalhado e preciso.

Resultados e Discussão

Gilberto Hochman (2021) atentou para o fato de que a pandemia de gripe asiática é praticamente ignorada dentro da historiografia brasileira. Neste trabalho, o autor dedica-se a apresentar de que forma a gripe de 1957 se tornou um fenômeno social e político no Brasil antes de se tornar um fenômeno biológico, colocando o enfoque no papel dos periódicos em trazer ao debate público uma narrativa diária da pandemia, antes de sua chegada ao Brasil. Enfatiza que, da mesma forma que os jornais foram capazes de construir um cenário sócio-político epidêmico antes da chegada, de fato, da gripe asiática, ele foi capaz de colocá-la na penumbra após o decaimento dos casos no país, embora o vírus tenha continuado a circular por mais alguns anos.

É necessário destacar também, que os fins da década de 1950 são marcados por um programa de saúde pública de Juscelino Kubitschek preocupado com a situação sanitária do Brasil, dentro de um projeto de governo desenvolvimentista, no qual a saúde pública era uma pauta relevante, na medida em que se associava o combate às endemias, principalmente as rurais, a um projeto desenvolvimentista, no qual economia e saúde estariam intrinsecamente relacionadas. Partindo de uma visão otimista em relação à situação do país, Juscelino Kubitschek acreditava poder superar os males endêmicos do Brasil a partir das inovações tecnológicas surgidas nos pós Segunda Guerra Mundial, com destaque para os antibióticos, inseticidas de ação residual e os antimaláricos. O governo JK propôs campanhas de cunho vertical para erradicação e controle das “doenças de massa”, mas deu ênfase em seu programa de desenvolvimento econômico para a industrialização pela qual acreditava que, com aumento de emprego e renda, as condições de vida e de saúde da população seriam melhoradas (HOCHMAN, 2009).

A pandemia de gripe asiática que assolou o mundo durante os anos de 1957-1958 teve seu surto na Ásia Oriental em fevereiro de 1957 e rapidamente se espalhou pelo mundo (ROGERS, 2020). Alastrou-se a partir da China, através dos navios, aviões e trens (HONIGSBW, 2020). Sendo a segunda maior pandemia de gripe do século XX, a doença causada pelo vírus H2N2, que desapareceu em cerca de 10 anos, causou entre 1 e 2 milhões de vítimas no mundo. Apesar disso, foi considerada a menos letal entre as outras pandemias de gripe do século: Gripe Espanhola e a de Hong Kong (ROGERS, 2020). Em junho de 1957, estimou-se um total de mais de um milhão de infectados na Índia (HONIGSBW, 2020).

Seus sintomas, assim como os de gripe comum, eram, nos casos mais leves, febre e tosse. Mas em pessoas que tiveram complicações mais agudas, o vírus provocou pneumonias. Apesar disso, a sua difusão foi freada pelos avanços tecnológicos, como a rápida produção de vacina e a disponibilidade de antibióticos (ROGERS, 2020).

O jornal carioca Correio da Manhã foi fundado em 1901 por Edmundo Bittencourt e circulou até o ano de 1974, após uma série de crises financeiras. Já no seu surgimento, defendia as causas liberais, sua não ligação partidária, e seu manifesto em defesa da população menos favorecida, o que pode explicar a tamanha circulação e difusão na imprensa escrita do Rio de Janeiro. Durante a campanha presidencial de 1955, o Correio não declarou preferência a quaisquer candidatos, apenas manifestou a defesa do sufrágio. Com a posse de Juscelino Kubitschek, o jornal iniciou seu oposicionismo, declarando-se contra o projeto de construção de Brasília e contra sua política econômica (LEAL, 2020).

Maurício Campos de Medeiros (1885-1966), carioca, foi um renomado médico no campo da psiquiatria, professor universitário, ministro da saúde, um colaborador ativo em jornais e periódicos, além de atuar no campo político, como deputado federal pelo Rio de Janeiro. Sua atuação política coincidia com seu proselitismo político dentro dos jornais como Correio da Manhã, A Gazeta e mais tarde no final da sua vida, em O Globo. Nos momentos finais da Grande Guerra, participou da Missão Médica Militar do Brasil na França. Foi empossado, em 1955, na Academia Brasileira de Letras e no mesmo ano nomeado Ministro da Saúde por Nereu Ramos. Permaneceu como Ministro no Governo de Juscelino Kubitschek até julho de 1958 (CALICCHIO, 2021).

Desde a primeira notícia reportada pelo Jornal até o fim do mês de Junho de 1957, na qual houve o quantitativo de 13 ocorrências, se observa algumas características particulares das notícias desse período: a maior parte delas são de agências internacionais, que fazem a cobertura das notícias de gripe no exterior; em um primeiro momento não havia grandes preocupações da chegada da gripe no Brasil, por considerarem comum os casos de gripe nos países; a relevância internacional da Organização Mundial da Saúde (1948), do ponto de vista de uma autoridade sanitária global que articulava as diretrizes do enfrentamento da nova doença; A gripe asiática logo foi considerada “benigna”, abrindo brechas para a comparação com a gripe espanhola.

No mês de Julho de 1957 foram levantadas 33 ocorrências da gripe asiática. A cobertura no Jornal continua de maneira extensiva às notícias vindas do exterior sobre o surto de gripe no Oriente e chegando a algumas localidades ocidentais. Porém, a cobertura das discussões sobre a gripe asiática no Brasil é mais bem prestigiada pelo Correio. Esse mês marca o isolamento do vírus nos Estados Unidos e as discussões sobre a possibilidade de produção de vacinas no país. O jornal também abre uma grande margem para a cobertura e divulgação do processo de produção de vacinas realizado em Manguinhos. O Ministério da Saúde decide

divulgar algumas medidas tomadas como o acompanhamento da epidemia de acordo com as divulgações da OMS e se mostra preocupado com a alta taxa de transmissão da doença observada em outros países. Do ponto de vista crítico, o jornal sustentou críticas às condutas do Ministro da Saúde Maurício de Medeiros.

Enquanto nos meses de junho e julho discutiam-se as chances de a gripe asiática adentrar no país, o mês de agosto marca o período no qual a inevitabilidade da chegada da doença é notável aos governantes e autoridades de saúde, e iniciou-se a uma organização mais eficiente para o enfrentamento da gripe de forma coordenada e articulada de maneira vertical, partindo dos ditames do governo federal e do Ministério da Saúde, que contava com verbas emergenciais na casa dos milhões de cruzeiros aprovadas pelo Tribunal de Contas. O foco da discussão nas páginas do jornal deixa de ser sobre o noticiário internacional e se transforma na cobertura de ações governamentais profiláticas em relação à gripe asiática. É perceptível que nesse momento o tom das reportagens sofre uma grande alteração, deixando de forjar uma sustentação mais informativa e de relato do trânsito da doença, para um caráter que expressa de forma mais aberta, a opinião do jornal em torno dos acontecimentos vigentes.

As notícias do mês de setembro, quando de fato a gripe chega ao Rio de Janeiro, reforçam o que já era conformado nos meses anteriores, como a coordenação a nível nacional do combate à pandemia, através da articulação da Comissão de Combate a Gripe com órgãos e aparelhos a níveis estaduais e municipais; Apesar dessa forte estrutura criada, o Correio da Manhã foi um árduo crítico do Ministro da Saúde Maurício de Medeiros, pois no seu entendimento, a demora para a elaboração, de fato, de políticas públicas que pudessem resguardar o país e a população subnutrida, em especial a carioca, seria injustificável, pois os indícios de que a gripe chegaria eram fortes e a movimentação deveria ter sido anterior à que de fato ocorreu; o apagamento do nome do presidente JK nesse contexto pandêmico.

Apesar de inicialmente muito discutido, entrou-se em um consenso de que a gripe era transmitida pelo ar e pelo contato com material infectado. Com isso, o Governo Federal passou a divulgar cartilhas educativas, publicadas no jornal, com instruções sobre a gripe.

No que tange aos grupos de risco, a maior preocupação exalada nas páginas de jornal era em relação à população trabalhadora urbana, que sofria de má alimentação e de fome, e com isso, o corpo seria mais suscetível a desenvolver problemas graves da gripe asiática.

Diante do que foi apresentado, pode-se estabelecer uma série de pontos tangenciáveis entre a epidemia de gripe asiática de 1957 e a pandemia de Coronavírus no Brasil, pois além de serem dois fenômenos que possuem diversas características em comum como doenças epidêmicas e respiratórias, seus acontecimentos se desenvolvem dentro de uma sociedade que possui estruturas e comportamentos enquadrados na longa duração.

Por ser, talvez, a pasta do poder executivo mais exposta durante períodos de crises sanitárias no governo republicano, o ministério da saúde foi o primeiro órgão a ser visado desde que se noticiou a existência de uma epidemia de uma nova gripe, a asiática, em curso no planeta. O então Ministro da Saúde, em 1957, Maurício de Medeiros, foi o foco das críticas em torno da conduta (ou deficiência dela) profilática e de preparação de um suporte aparelhado para o enfrentamento do mal, que, de certa forma, foi visto como um desdém enquanto as notícias vinham somente do Extremo Oriente. O mesmo desdém pelo governo federal foi observado na pandemia iniciada em 2020, que se prolongou apesar de exposta a gravidade da enfermidade. O que se verificou com as tentativas de Maurício de Medeiros de criação de uma Comissão a nível federal, articulada com outros órgãos e comissões a nível regional na crise de 1957, não foi repetida pelos diversos ministros da saúde que até então coordenaram a pasta durante o período pandêmico atual. Mas, diferentemente de 1957, um ator importante que se observa no cenário atual é o negacionismo em torno da ciência, o que dificulta que tomadas de decisões verdadeiramente eficazes ocorram e sejam respeitadas pela população, principalmente quando emanado através de figuras importantes do poder.

Conclusões

O historiador francês Marc Bloch, em sua obra *Apologia da História ou o Ofício do Historiador* (2002), apresentou que para entendermos o passado, é necessário, acima de tudo analisar o presente; portanto, o método regressivo torna-se essencial. O que está acontecendo hoje diz muito mais sobre a História do que o passado nos apresenta. Assim sendo, é patente que nos dias atuais em virtude da pandemia de coronavírus, a procura por objetos de pesquisa que girassem em torno de questões epidêmicas do passado teve um aumento brusco, seja para uma releitura de fontes (com um novo olhar e foco em outras questões até então na penumbra), acesso a novas fontes ou a busca de novos temas de pesquisa.

Nesse sentido, é importante salientar as páginas do Correio da Manhã como um objeto e fonte de estudo que não é imparcial. Ele oferece uma narrativa desse momento da História, de forma que o leitor pode acompanhar os acontecimentos e notícias de forma linear, mas sob um determinado ponto de vista que é proposto pelas diretrizes dessa imprensa burguesa da década de 1950. Portanto, além de considerar o Jornal como uma fonte de estudos adequada para compreender a sequência de fatos e acontecimentos, ele também é um ator histórico que faz seleções, de acordo com o seu ponto de vista ideológico, de quais fatos são relevantes a serem noticiados e apresentados, e de que forma isso será apresentado ao seu público leitor.

A partir das atividades de pesquisa, é possível concluir, em primeiro lugar, a importância e relevância do então Instituto Oswaldo Cruz (IOC) no referente à saúde pública brasileira no decorrer do século XX, em especial no período que compreende a década de 1950. Nesta década há um crescimento de pesquisas no campo da virologia e da vacinologia, por exemplo, a vacina Salk, e a pandemia de Gripe de 1957, estimularam a produção em maior escala de vacinas e a aposta nelas como um dos principais instrumentos da saúde

pública.

Outro fator de destaque que evidencia a importância do IOC foi o fato da ampla cobertura da imprensa dentro das dependências da Instituição, entrevistando por diversas vezes funcionários, fotografando e desvendando como as vacinas eram produzidas, tentando transmitir à população o grande esquema de trabalho que estava sendo montado e como ele de fato ocorria.

Em segundo lugar, podemos observar uma persistência dentro da sociedade e política brasileira de um descaso com a saúde pública e órgãos a ela vinculados. No momento em que a pandemia de 1957 estava chegando, ficava claro a ausência de estrutura de hospitais, médicos que pudessem atender à população como um todo, o que também se enxerga na pandemia de 2020 e 2021 em vários estados e regiões, como a antiga capital federal.

Por fim, por meio das páginas da imprensa em 1957, assim como o acompanhamento diário de notícias televisionadas em 2020/21 é possível observar, na longa duração, a persistência de fatores como falta de aparelhamento e organização pública, de forma prévia, para o enfrentamento de situações de emergência sanitária; a dificuldade que envolve o processo de produção, fabricação e distribuição de vacinas; a negação ou desconsideração da gravidade da pandemia; as relações internacionais que envolvem a formação de alianças, porque a questão de saúde pública não é apolítica; e a importância de órgãos de saúde da chamada saúde global para coordenar e mapear com base na ciência e na tecnologia as melhores decisões e ações. O passado ainda está presente e o presente nos ensina a rever esse mesmo passado pandêmico.

Referências bibliográficas

BLOCH, Marc. **Apologia da História: ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

CALICCHIO, Vera. **Maurício Campos de Medeiros**.

Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/mauricio-campos-de-medeiros>. Acesso em: 08 abr. 2021.

(FIOCRUZ), Fundação Oswaldo Cruz. **Fiocruz divulga nota em defesa da ciência e de seus pesquisadores**. 2020.

Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/fiocruz-divulga-nota-em-defesa-da-ciencia-e-de-seus-pesquisadores>. Acesso em: 07 maio 2021.

HOCHMAN, Gilberto. **"A gripe asiática vem aí": crônica de uma pandemia antes de sua chegada (Brasil, 1957)**. Ver. Cienc Saúd. 2021;19(Especial):1-20. <https://doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/revsalud/a.10599>

"O Brasil não é só doença": o programa de saúde pública de Juscelino Kubitschek. História, Ciências, Saúde-Manguinhos, v. 16, p. 313-331, 2009. <https://doi.org/10.1590/S0104-59702009000500015>

HONIGSBAUM, Mark. **Revisiting the 1957 and 1968 influenza pandemics**. Londres: Lancet, 2020. doi:10.1016/S0140-6736(20)31201-0

IBGE (Rio de Janeiro). **Estatísticas do Século XX**. 2006.

Disponível em: <https://seculoxx.ibge.gov.br/images/seculoxx/seculoxx.pdf>. Acesso em: 04 jul. 2021.

IOC/FIOCRUZ. **Fiocruz desenvolve protocolo para sequenciar o coronavírus**. 2020. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/fiocruz-desenvolve-protocolo-para-sequenciar-o-coronavirus>. Acesso em: 07 abr. 2021.

LEAL, Carlos Eduardo. **Correio da Manhã**. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/correio-da-manha>. Acesso em: 15 dez. 2020.

PASSARINHO, Nathalia (org.). **Coronavírus: Chefes de UTIs ligam 'kit Covid' a maior risco de morte no Brasil**. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56457562>. Acesso em: 07 abr. 2021.

PODER 360. **Marcelo Queiroga assume como Ministro da Saúde em cerimônia fechada**. 2021. Murilo Fagundes. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/marcelo-queiroga-assume-como-ministro-da-saude-em-cerimonia-fechada/>. Acesso em: 07 abr. 2021

RESENDE, Leandro. **Fiocruz: Falta de leitos para Covid é a ponta do iceberg do colapso da saúde**. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/fiocruz-falta-de-leitos-para-covid-e-a-ponta-do-iceberg-do-colapso-da-saude/>. Acesso em: 07 abr. 2021.

ROGERS, Kara. **1957 flu pandemic**. 2020. Disponível em: <https://www.britannica.com/event/1957-flu-pandemic>. Acesso em: 14 mar. 2022.

VIVABEM (São Paulo). **Coronavírus: pessoas com asma, pressão alta e diabetes correm maior risco**. 2020. Priscila Carvalho. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2020/03/12/qual-o-grupo-de-risco-do-coronavirus.htm>. Acesso em: 07 abr. 2021.

(WHO), World Health Organization. **World Health Organization**. Disponível em: <https://www.who.int/pt>. Acesso em: 07 abr. 2021.